

TALK SHOW - ROTEIRO

1. Descrição e análise da estratégia

Os talk shows como gêneros televisivos surgiram nos Estados Unidos na década de 1950, e eram bastante diversificados no que diz respeito a horários, temáticas e abordagens, aproximando-se apenas na origem e na característica que os nomeia: eram programas de conversa, provenientes da tradição radiofônica e adaptados para a TV. [7]

Silva (2009) afirma ainda que, no início da consolidação do talk show como gênero televisivo nos Estados Unidos, havia uma clara intenção de informar e educar a audiência, obtendo-se pronunciamentos de pessoas como políticos e professores sobre fatos da atualidade ou notícias, e privilegiando o “debate cortês” (SILVA, 2009, p.2). A forte hibridação com o entretenimento, porém, é o que marca o talk show como um gênero à parte no Brasil. Gomes e Araújo (2015) afirmam que a diferenciação entre o talk show e o programa de entrevistas, este segundo claramente pertencente ao gênero jornalístico, foi quase que imediata no contexto brasileiro. Isso porque a ênfase à informação dada pelo programa de entrevistas era cara a uma sociedade ansiosa por burlar a censura que pairava sobre o telejornalismo. [7]

No Brasil, a ligação histórica entre os programas de entrevista e as questões políticas como forma de abrir espaço para discussão de assuntos proibidos ao jornalismo em tempos de censura nos leva a reconhecer socialmente os programas de entrevista como um subgênero do telejornalismo, reservando ao talk show um lugar mais próximo à esfera do entretenimento – a ênfase no entretenimento que o termo show convoca para nós é central na disputa de valor e reconhecimento entre programas de entrevista e talk shows. (GOMES; ARAÚJO, 2015, p. 177)

É uma metodologia de trabalho surpreendente e altamente interativa na qual os participantes se envolvem com o mediador e estabelecem um diálogo a partir de situações problemas intencionalmente provocadas e que são relacionadas à temática. O público é envolvido e se torna, além de ator no processo, autor porque sempre é instigado a fornecer informações que são motivadoras das discussões que desencadeiam a interlocução com a plateia. [1]

A estratégia é semelhante ao que segue em um programa de televisão. O talk show foi definido como um tipo de transmissão de TV em que uma ou mais pessoas discutem questões levantadas por um mediador (Vallet, Essid, Carrive & Richard, 2011).

Em uma **sala de aula**, o professor pode se tornar o mediador, um ou mais alunos se tornam os convidados que podem ser os especialistas em uma área que será tratada no tópico em questão. O método é diferente de uma encenação porque envolve toda a classe e não um grupo de alunos. [5]

Também em contraste com uma encenação, o método integra todas as habilidades do idioma. Finalmente, embora o método talk show seja bastante estruturado, ele deixa espaço para o professor ou os alunos adicionarem seus próprios movimentos e/ou palavras espontâneas. Seu principal objetivo é desenvolver a competência comunicativa dos alunos em um ambiente de ensino-aprendizagem animado e envolvente. [5]

2. Características pedagógicas

Diálogo: Segundo Gadotti, para Paulo Freire, o diálogo não é apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber do aluno que chega à escola. “Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo.” Segundo Cristina Costa: [6]

[...] sabe-se que da escola se espera muito mais do que a alfabetização e o desenvolvimento da cidadania e do nacionalismo, que se cobra da escola uma participação maior na formação dos indivíduos e no apoio às difíceis condições de vida que eles enfrentam no mundo contemporâneo. Pois bem, esses são argumentos para que deixemos para trás uma metodologia educacional aristocrática, seletiva, ilustrada e erudita para adotarmos uma postura mais realista de valorização do educando, de sua bagagem cultural e das necessidades que ele manifesta como cidadão.

Mas formar bons “escritores” nesse novo mundo digital é um dos objetivos educacionais que consideramos fundamentais. O talk show mostrou-se um bom gênero para cultivar o diálogo no ambiente escolar e também para ajudar na formação de um público menos ingênuo e, portanto, mais exigente.

A metodologia desenvolvida nos encontros do grupo Talk Show na Escola teve como base o pensamento do professor e doutor em sociologia Michel Thiollent, um dos principais proponentes da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma

resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação se baseia teoricamente no conceito de educação libertadora e cria espaços onde as pessoas participam do projeto de atuação. Na pesquisa-ação o “conhecer” e o “agir” acontecem ao mesmo tempo, mas uma pesquisa só pode ser assim qualificada “quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. Durante a maior parte dos encontros os alunos trabalharam em grupos. Segundo Cristina Costa, “quando se trabalha com meios de comunicação é imprescindível a formação de equipes, pois não há trabalho individual em rádio, TV ou vídeo”.

O grupo de alunos exerceu a experiência da tomada de decisões em conjunto. A base de nossa postura e mediação dos diálogos foi a escuta, elucidando aspectos das situações colocadas sem imposição unilateral de nossas próprias convicções. Diz Thiollant:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo.

Procuramos ter em mente algumas questões: como os professores propiciam situações de diálogo enriquecedoras? Em qual momento acontece esse diálogo? Esse conteúdo pode ser propositalmente relacionado com o aprendizado em sala de aula? É possível fazer uma análise estética das mensagens audiovisuais e digitais? Como avaliar os resultados desses encontros? Que tipo de contribuição poderíamos legar aos educadores? Seria possível reunir essas estratégias e passá-las aos professores?

Teoria de aprendizagem: No último século, duas das teorias de aprendizagem mais dominantes incluíam a psicologia cognitiva e a teoria de aprendizagem social. Os cognitivistas argumentam que a aprendizagem é o resultado de uma série de processos mentais de transformação, redução, elaboração, armazenamento, recuperação e uso de dados sensoriais (Neisser, 1967). A psicologia cognitiva considera a aprendizagem como um processo de descoberta que resulta de uma interação entre conhecimentos conhecidos e desconhecidos. A teoria da aprendizagem social, por outro lado, analisa a aprendizagem do ponto de vista construtivista. Para os

proponentes da teoria da aprendizagem social, a aprendizagem é um comportamento social. Eles acreditam que a aprendizagem de línguas ocorre quando os alunos participam ativamente do contexto real de interações sociais, observam os outros e reproduzem seus comportamentos (Bandura, 1976; Miller & Dollard, 1941).

Em uma aula seguindo o TSM, o aprendizado é mais do que apenas processos internos de descoberta mental ou apenas um comportamento social. Em vez disso, é uma combinação dos dois. Ou seja, aprender, além dos processos cognitivos, requer a interação do aprendiz com os modelos fornecidos pelas fontes e/ou usuários da língua-alvo. Assim, o TSM considera a aprendizagem um processo sócio-cognitivo, no qual a psicologia cognitiva é combinada com a teoria da aprendizagem social.

Promover a competência comunicativa dos alunos: Os professores que trabalham para melhorar a competência comunicativa dos alunos fazem uso frequente de atividades de lacuna de informação que criam oportunidades de negociação de significado entre os alunos (Varonis & Gass, 1985). Uma das principais características do design de uma sala de aula TSM é a interação significativa e autêntica entre o professor e os alunos, bem como entre os próprios alunos. O aprendiz, que é o convidado, é um especialista que sabe o que o professor e os colegas não sabem. O TSM permite ao professor criar lacunas de informação que podem envolver os alunos na negociação proposital de significado.

Aumentando a consciência do aluno: O TSM busca manter os alunos engajados; no entanto, o professor deve fornecer informações sempre que os alunos precisarem. O melhor momento para aumentar a consciência dos alunos sobre as estruturas e regras da linguagem é depois de serem expostos a uma quantidade suficiente de informações compreensíveis e relevantes. Claro, o professor pode ter que escrever alguns itens de vocabulário, caso os alunos precisem deles. No entanto, não seria aconselhável parar ou pausar o show para corrigir um erro ou ensinar alguma regra do idioma. Pausar o show para focar na forma irá “transformar a brincadeira em trabalho” (Krashen, 2009, p.183). A melhor maneira de abordar os erros do aluno seria anotá-los e, no final da aula, pedir aos próprios alunos que corrigissem os itens independentemente. Outro método útil seria pedir aos alunos que pesquisassem as novas estruturas ou itens de vocabulário para a próxima reunião de classe.

Materiais e equipamentos: Os materiais típicos em uma aula de TSM incluem os materiais necessários em uma sala de aula regular de idioma. Além disso, o professor pode deixar os alunos livres para ler e ouvir materiais de sua escolha, dependendo das

necessidades, interesses e nível da turma. Podem ser na forma de materiais de auto-acesso ou uma ampla variedade de materiais autênticos que fornecem fontes adequadas para os alunos, como jornais, revistas e / ou sites.

Os professores podem decidir desenvolver suas próprias planilhas simples. Em alternativa, o professor pode pedir ao convidado para preparar a sua própria ficha de trabalho. Isso pode economizar muito tempo do professor, passando adiante a árdua tarefa de desenvolver as planilhas. O professor pode simplesmente supervisionar ou aconselhar os alunos quando necessário. Além disso, o professor pode dar algumas notas ou apostilas que destaca certos aspectos da língua-alvo levantados durante o show. Os alunos podem precisar de equipamentos como um projetor de vídeo e um computador para apresentar de forma mais eficaz. Também pode ser muito útil ter alto-falantes, caso os convidados queiram compartilhar algum vídeo gravado ou material de áudio com o público. Além disso, dependendo das preferências dos convidados ou da natureza do assunto, pode ser necessário um quadro branco ou alguma realidade.

É muito útil que os alunos mantenham diários que registrem suas experiências e os desafios que enfrentaram antes, durante e depois do programa. Os alunos devem ser orientados sobre como manter diários eficientes, que destacam experiências importantes ao longo do programa. A classe também pode decidir gravar vídeo/áudio do talk show; portanto, um gravador de voz e/ou câmera de vídeo pode ajudar. O material gravado pode ser compartilhado posteriormente na página do Facebook ou YouTube da classe. Isso pode gerar comentários e/ou postagens de colegas ou professores que podem ser fontes muito úteis de feedback.

Procedimentos: O TSM emula os procedimentos de um talk show típico e, paradoxalmente, a característica única de um talk show de sucesso é que ele evita a tipicidade e a previsibilidade para ganhar mais e mais espectadores. Se os espectadores sabem o que vai acontecer, depois de um tempo, o próprio TSM pode se transformar em outro método previsível e monótono de ensino-aprendizagem de línguas. É por isso que os programas de entrevistas podem seguir procedimentos variados. O show pode ser na forma de uma entrevista séria. O anfitrião pode começar sozinho e então convidar o convidado para o palco ou pode começar com o convidado bem próximo a ele. Alternativamente, o show pode ser filmado fora do estúdio, já que o anfitrião/convidado está visitando alguém em algum lugar. Pode haver um público de estúdio, que pode ou não ser convidado a fazer perguntas ou participar de pequenas discussões. O apresentador pode ter algum tempo sobrando para ler algumas mensagens enviadas por correio, SMS ou e-mail para o programa. As possibilidades

são inúmeras. Portanto, seria justo fornecer um exemplo de uma maneira possível entre muitas outras em que o TSM pode ser conduzido em uma sala de aula de inglês.

Antes do show

1. Seria melhor atribuir os tópicos no início do curso. Isso dará bastante tempo para que os alunos pesquisem seu tópico e planejem a maneira como desejam conduzir seu programa. Os alunos podem receber uma lista de tópicos, da qual selecionam um ou mais tópicos, dependendo do número de alunos e da disponibilidade de tempo. Os tópicos podem ser escolhidos em função dos objetivos do curso. Em um curso de preparação para teste de proficiência em inglês, o professor pode decidir ir para tópicos que são comumente encontrados naquele teste.
2. Nesta fase, também é importante fornecer à classe o maior número possível de exemplos interessantes de programas de entrevistas.
3. Antes da aula, todos os convidados deverão planejar a forma como farão seu espetáculo. Criatividade e variedade devem ser bem-vindas. Alguns alunos podem querer trazer seus próprios convidados reais e ser os próprios anfitriões. Outros convidados podem fazer um relato real sobre o assunto e depois reproduzir o relato em vídeo/áudio gravado para a classe em algum momento durante o show. Por exemplo, se o programa for sobre hábitos alimentares, o convidado pode perguntar a algumas pessoas sobre isso, gravar os diálogos e depois compartilhá-los com a classe.
4. Os convidados compartilham seus planos e conteúdo com os colegas, recebem feedback e fazem as revisões de acordo.
5. Antes do show, cada convidado mostra seu plano ao professor em um breve encontro. Juntos, eles decidem a forma como o show será conduzido. É isso que os anfitriões e convidados reais fazem antes dos programas de entrevistas na TV: discutem os protocolos ou o conteúdo a ser coberto antes, durante e depois do programa. O convidado pode ter que fazer mais revisões no plano após esta conferência professor-aluno.
6. Um pouco antes do show, o apresentador (professor) descreve a maneira como o show será executado. No caso de turmas grandes, os alunos podem ser divididos em dois grupos de “público do estúdio” (que se sentam bem em frente ao anfitrião e ao convidado) e “espectadores domésticos” (que se sentam mais atrás). Nesse momento, o apresentador também pode lembrar ao público que eles não precisam revelar seus nomes reais e outras informações pessoais durante o show. Eles podem criar identidades, nacionalidades, problemas imaginários, etc. Os visitantes da casa são informados de que podem se comunicar com o hóspede por meio de e-mails, cartas, etc. fictícios e fazer perguntas ou deixar comentários. Enquanto isso, os membros do público do estúdio também podem participar da discussão levantando as mãos. A

classe é lembrada de que eles podem gravar o programa em vídeo / áudio, se desejarem.

Durante o show

1. Como é comum em qualquer programa de entrevistas na TV, o programa começa com a nota de boas-vindas do apresentador para os telespectadores, o público do estúdio e o convidado.
2. O apresentador apresenta brevemente o show, o tópico e o convidado.
3. O convidado fala sobre si e também sobre a sua vida profissional e apresenta o tema.
4. Nesse ínterim, os telespectadores que desejam fazer uma consulta ou compartilhar uma visão escrevem mensagens e as passam para o anfitrião ou simplesmente levantam a mão e falam. Alguns espectadores podem até querer ligar e fazer perguntas (um método muito popular entre meus alunos).
5. O convidado também pode decidir fazer uma pergunta aos telespectadores no início do programa. O visualizador que fornecer a melhor resposta para esta questão central ganha um prêmio real ou imaginário. Por exemplo, se o assunto for nutrição, o hóspede pode optar por fazer algumas perguntas gerais sobre nutrição.
6. Às vezes, o anfitrião pode convidar o público do estúdio e/ou espectadores domésticos a se aproximarem do “microfone”, ligar ou enviar mensagens para responder às perguntas em foco e / ou fazer perguntas aos convidados.
7. No final do show, o endereço de e-mail do convidado é fornecido para os espectadores, que são incentivados a entrar em contato com o convidado e fazer perguntas para as quais não houve tempo suficiente durante o show.
8. Perto do final do talk show, o professor sinaliza que seu tempo está acabando e que precisa encerrar a conversa. Todo o show pode durar cerca de meia hora.
9. O show pode terminar com o convidado recebendo um presente fictício ou real do anfitrião como um sinal de agradecimento pelo apoio profissional.

Depois do show

1. Após o show, o professor pode fazer algumas perguntas de acompanhamento sobre o conteúdo do show, pedir a opinião dos alunos e/ou destacar as novas palavras ou estruturas de linguagem que eles notaram no show. O professor pode querer fazer isso usando apostilas, planilhas, etc.
2. O programa pode ser postado no YouTube ou Facebook para os alunos assistirem e deixarem comentários. Pode ser legendado total ou parcialmente. .
3. Posteriormente, os alunos acrescentam sua experiência com o programa em seus diários.

3. Potencialidades e fragilidades frente a aprendizagem crítica-reflexiva

Ref: Talk show na escola: Desafios.

As escolas, geralmente, estão ligadas a uma rotina, a programas e a atividades extremamente ordenadas, repetitivas e organizadas. Um universo assim não comporta facilmente um projeto de intervenção extracurricular, e qualquer iniciativa que fuja dessa programação previamente agendada implica o enfrentamento de diversos obstáculos. A agenda repleta de atividades e o excesso de compromissos dos jovens foi talvez um de nossos maiores desafios. A falta de familiaridade entre os meios de comunicação e o universo escolar exige do educador um planejamento minucioso. Discutimos questões de poder, mídia, audiência, lógica de mercado e sociedade com os alunos. O educador precisa estar suficientemente seguro e tranquilo também para escutar a respeito do universo dos alunos, saber estar com eles e poder, assim, refletir com eles. Não basta simplesmente disposição para fazer. É preciso inserir o novo, o inusitado, encontrar recursos, cativar as pessoas, conseguir adesão. Em nosso experimento, os bolinhos oferecidos no final dos encontros desempenharam um papel importante na construção dessa relação com os alunos. As aulas educacionais também demandam mais do ambiente escolar, do professor e dos alunos. Desenvolver uma produção de mídia com turmas numerosas de adolescentes também requer uma disposição do educador para turmas “motivadas” e alunos “questionadores” e, nesse sentido, o Talk Show na Escola também pode contribuir para uma revisão dos papéis entre os sujeitos da escola. Um dos desafios da educação, segundo Baccega¹⁰, “é levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações [...]”. Para obter êxito nesse desafio, é fundamental levar o sujeito a ter consciência de como se processam, em vários âmbitos, as práticas midiáticas que nos envolvem e que colaboram tão fortemente para a configuração de nossa identidade.

Motivação e pertinência:

Durante a pesquisa pudemos observar o quanto as práticas educacionais desenvolvem e disseminam o olhar crítico e a capacidade de questionamento do estudante a respeito do mundo que o cerca. Os alunos conheceram truques de bastidores, como a edição de áudio e a condução de ensaios. Com os vídeos e textos previamente selecionados para os encontros, debatemos questões éticas, trabalhamos a transdisciplinaridade e exercitamos uma série de saberes. Em nossa tradição escolar

há prioridade de transferir grandes volumes de conteúdo aos alunos em detrimento do diálogo. Ismar de Oliveira Soares, um dos mais conhecidos defensores da educomunicação e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), diz que uma educação eficiente precisa se inserir no cotidiano dos estudantes, e não ser um simulacro de suas vidas. “Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo sem sequer escutá-lo.” A educomunicação mostra que a escola pode ser um espaço transdisciplinar de cidadania, criatividade e expressão. Ao desenvolver o talk show, os alunos também organizaram informações, ressignificando-as e sistematizando-as. O grupo exercitou a responsabilidade, o senso crítico e o diálogo. Também apoiados em Freinet, podemos dizer que o aprender deve passar pela experiência de vida. E isso só é possível pela ação, através do trabalho, que desenvolve o pensamento lógico e inteligente a partir de preocupações materiais, sendo que estas são um degrau para a abstração.

O método tem uma série de VANTAGENS que serão discutidas nesta seção:

1. TSM oferece uma nova maneira de aprender/ensinar de uma forma divertida. Humor, alegria e ludicidade, que são características essenciais da aprendizagem L1 (Cook, 2000), mas comumente ausentes no ensino/aprendizagem ESL (Maley, 2009), são trazidos de volta à sala de aula de línguas. Além disso, os alunos são expostos a uma boa quantidade de input compreensível útil (Krashen, 1987) de uma forma natural.
2. O método integra ferramentas úteis, como simulação, dramatização, dramatização e jogos, para fornecer uma nova maneira de abordar o ensino.
3. A criatividade e a imaginação dos alunos são estimuladas. Os cérebros dos alunos estão envolvidos nas atividades do cérebro direito e esquerdo.
4. O TSM é uma boa maneira de ajudar os alunos a “esquecer” (Krashen, 2009) que estão aprendendo um idioma. O método pode ajudar os professores de línguas a transformar as expectativas de seus alunos em expectativa (Maley, 2009), criando um “fluxo” (Csikszentmihalyi, 1993) na sala de aula de línguas. O TSM pode criar um ambiente no qual os alunos não permanecem passivos e silenciosos, mas usam naturalmente o idioma de destino.
5. É uma prática comum em muitas classes intermediárias e avançadas de aprendizagem de línguas estrangeiras fazer os alunos apresentarem palestras na frente da classe. A maioria dos alunos acha que isso causa ansiedade e, como resultado, encontram todas as desculpas para escapar. No entanto, quando o professor oferece uma oportunidade para os alunos menos corajosos de irem para o palco gradualmente (ou seja, primeiro como um observador doméstico, a seguir como um membro da plateia do estúdio e finalmente como um repórter ou um convidado), eles considerá-lo

menos ameaçador ou não ameaçador. Sempre há alunos que desejam participar das atividades em sala de aula, mas são muito tímidos para fazê-lo. Ao verem o professor e seus colegas desempenhando papéis diferentes, quando percebem que também podem mudar suas identidades e quando sabem que podem se comunicar por escrito, os alunos mais tímidos passam a participar ativamente do programa.

6. O questionário no programa pode torná-lo mais envolvente para os alunos que precisam de alguma motivação instrumental para começar.

7. O TSM promove a descoberta e o aprendizado de idiomas baseado em projetos, nos quais o aluno recebe escolhas e se sente responsável por seu próprio aprendizado.

8. Na minha experiência, o TSM é adequado até mesmo para os tipos mais sérios de cursos de idioma, como cursos preparatórios para o TOEFL ou IELTS. Certa vez, tivemos um acupunturista como convidado em uma aula de preparação para o IELTS. Tivemos um talk show sobre medicina alternativa, que era um assunto estranho para a maioria dos alunos. Curiosamente, depois que esses alunos voltaram do teste, eles ficaram muito felizes porque uma das passagens de leitura (ou seja, um terço de todo o teste de leitura no IELTS) era sobre medicina alternativa. Eles poderiam responder a algumas das perguntas mesmo sem ler a passagem, pois estavam familiarizados com o tópico.

9. O TSM torna a aula de idioma muito animada. Para a maioria dos alunos, aprender outro idioma pode ser uma tortura entediante. O TSM fornece estratégias que dão vida e alma a uma aula de idiomas.

O método proposto também compartilha as vantagens da Aprendizagem Baseada em Projetos. Como Blumenfeld et al. (1991) argumentam que o Project-Based Learning envolve “os alunos na investigação de problemas autênticos” (p. 369), além de mantê-los “cognitivamente envolvidos com o assunto durante um longo período de tempo” (p. 374). Da mesma forma, o TSM incentiva o investimento dos alunos em seu próprio aprendizado, fazendo-os revisar os recursos relevantes e descobrir materiais relacionados que desejam compartilhar durante o show.

Outro recurso importante do TSM é sua capacidade de integrar tecnologia educacional na sala de aula de idiomas. A tecnologia oferece ferramentas extremamente úteis para os alunos. O TSM incentiva os alunos de idiomas a usarem tecnologia (incluindo a Internet com seu número impressionante de recursos, telefones inteligentes com seus aplicativos úteis, computadores, etc.) em sua experiência de aprendizado de idiomas. O que é importante notar é que o método não faz apenas com que os alunos usem o software de aprendizagem de línguas estático oferecido por Learning Management Systems (LMS). O TSM promove um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) no qual a tecnologia é usada como uma ferramenta para apoiar o professor e os alunos em ambientes educacionais. Lewis (2008) fez uma distinção muito importante entre LMS e

VLE; são dois tipos diferentes de tecnologia educacional. O LMS adere a materiais e exercícios de ensino-aprendizagem estáticos, periódicos e prontos, acompanhados de chaves. O VLE, por outro lado, fornece programas, ferramentas e escolhas dinâmicas que estimulam o envolvimento e a criatividade do professor e do aluno (Lewis, 2008). O TSM cria muitas oportunidades para os alunos de idiomas usarem a tecnologia como uma ferramenta dinâmica que os envolve e os orienta na escolha ou no desenvolvimento de seus próprios materiais.

Desafios: Uma grande quantidade de literatura está disponível sobre os benefícios da dramatização e das atividades de dramatização na sala de aula de idiomas. Os resultados da pesquisa sobre o efeito de tais atividades nos alunos de línguas têm mostrado resultados promissores (Burke, 2002; Holt & Kysilka, 2006). Essas atividades e o Método Talk Show podem ter certas características em comum, mas como foi discutido antes, existem grandes diferenças. A evidência empírica disponível sobre a eficácia da dramatização, por exemplo, não pode fornecer suporte para o TSM. Portanto, estudos empíricos precisam ser conduzidos sobre o efeito do método em situações reais de ensino de línguas antes que ele possa ser estabelecido como um método ELT eficaz.

Outro desafio é se o TSM será realmente interessante para todos os alunos de diferentes origens demográficas. Como minha experiência com alunos de EFL no Irã e com alunos de ESL na Malásia mostrou até agora, o método é promissor para alunos de nível intermediário e avançado, homens e mulheres, jovens adultos e adultos. No entanto, o método ainda deve ser testado em alunos de línguas de várias origens demográficas.

Além disso, um fator importante que pode levar ao sucesso ou ao fracasso do TSM é a escolha do tema. É bastante desafiador pensar em tópicos envolventes para todos os alunos e durante todo o curso de um idioma. Mesmo quando o tópico é interessante, pode não ser adequado para um determinado grupo de alunos. Portanto, os alunos devem ser monitorados e orientados na hora de selecionar temas para seus programas. Depois de pensar em um problema, eles compartilham esses tópicos com o professor. O professor, então, ajuda a tornar os tópicos mais atraentes, dando ideias de como eles podem ser apresentados, da forma como um apresentador de talk show pode aconselhar um convidado antes de um programa. O professor também deve lembrar os alunos de evitar questões delicadas, incluindo sexismo, política, religião e similares. Na verdade, os tópicos devem ser selecionados muito meticulosamente e com base nas necessidades, interesses e experiência dos alunos.

Algumas aulas de idioma podem ser realmente interessantes, mas depois que terminarem, o aluno pode não ter realmente aprendido nada novo. Como é possível ter certeza de que os alunos estão realmente aprendendo algo? Uma forma possível seria expor os alunos a palavras úteis fazendo-os ouvir ou ler textos relacionados. Registrar os erros dos alunos e discuti-los em weblogs ou simplesmente no quadro branco após o programa também pode ser útil. Os erros devem ser corrigidos no momento certo de forma eficaz. A correção é melhor feita imediatamente após a atividade, enquanto ainda está fresca na mente dos alunos. A autocorreção e a correção pelos pares também foram recomendadas como formas eficazes de lidar com os erros do aluno (Liu & Ding, 2009).

4. Considerações finais

5. Referências

- [1] <http://www.marcianocunha.com.br/metodologia>
- [2] <https://portal.poa.ifsuldeminas.edu.br/noticias/projeto-eight>
- [3] <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/metodologia-eight/>
- [4] <https://www.edutopia.org/discussion/using-talk-show-format-teach-history>
- [5] Nimehchisalem, Vahid. (2013). The Talk Show Method in the ESL classroom. *Voices in Asia Journal*. 1. 58-71.
- [6] Giannini, M. C., & Costa, M. C. C. (2017). O talk show na escola. *Comunicação & Educação*, 22(2), 159-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v22i2p159-167>
- [7] Lery, Julia. Artigo proveniente do trabalho homônimo apresentado no DT 4 - Comunicação Audiovisual, GP Televisão e Vídeo do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, em setembro de 2005 na UERJ/RJ. Ano IX, n. 16 - jan-jun/2016 - ISSN 1983-5930 - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>.
- [8] Fernanda Mauricio Silva. Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento.

[9] MYRIAN CLARK GIANNINI. O TALK SHOW NA ESCOLA. Trabalho de dissertação de mestrado. Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação. São Paulo. 2019.